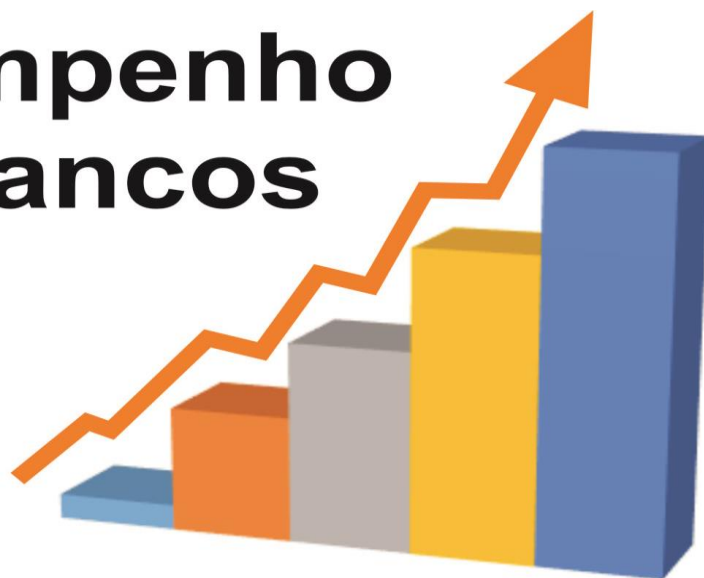


Desempenho dos Bancos



1º Semestre de 2016

**Bancos seguem com lucros elevados,
mas reduzem postos de trabalho e
agências**

Rede Bancários

DI-ESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

DESEMPENHO DOS BANCOS NO 1º SEMESTRE DE 2016

O S cinco maiores bancos do país fecharam o primeiro semestre de 2016 com lucros expressivos, a despeito do adverso cenário econômico e da queda observada nos resultados em comparação ao mesmo período no ano passado.

Os bons resultados auferidos pelos cinco maiores bancos se deveram, principalmente, ao crescimento verificado em seguros, previdência e capitalização, à elevação das receitas com tarifas e serviços e à substancial queda nas despesas com empréstimos e repasses propiciada pela valorização do real frente ao dólar que barateou os recursos captados pelos bancos no exterior.

Já a queda nos lucros em relação ao 1º semestre de 2015 se deveu ao aumento das provisões para devedores duvidosos (PDD) e das despesas com impostos (Imposto de Renda - IR e Contribuição Social sobre o Lucro Líquido - CSLL). Em 2015, os bancos utilizaram largamente créditos tributários e com isso seus lucros se elevaram. Como isso não se repetiu no 1º semestre de 2016, houve queda no resultado final.

Pelo lado do emprego, os cinco bancos fecharam um grande número de postos de trabalho. Foram mais de 13 mil postos fechados em relação ao mesmo período de 2015.

Por fim, no 2º semestre de 2015, o HSBC confirmou o encerramento de suas atividades no Brasil. Se aprovado em assembleia e pelo Banco Central, o processo de integração tecnológica do banco ao Bradesco começará a partir de outubro de 2016, quando os atuais clientes do HSBC terão acesso às suas contas no Bradesco. Com essa aquisição, a concentração bancária no Brasil se elevará. A participação de mercado dos cinco maiores bancos corresponde, atualmente, a 80% dos ativos totais e 84% da carteira de crédito e, após a aquisição, será de 83% e 86%, respectivamente.

Esses são os principais destaques da 10ª edição do estudo “Desempenho dos Bancos”, produzido pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) - Rede Bancários.

Os gigantes do Sistema Financeiro Nacional

O total de ativos das cinco maiores instituições bancárias do país (Bradesco, Itaú Unibanco, Santander¹, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal) totalizou, em 30 de junho de 2016, R\$ 5,8 trilhões, com evolução de 9,1%, em média, em relação ao mesmo período de 2015, como mostra a Tabela 1.

O patrimônio líquido (PL), capital próprio dessas instituições, cresceu 4,6%, atingindo, aproximadamente, R\$ 412,6 bilhões no período.

TABELA 1
Destaques dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2016

Indicadores	Junho de 2016	Variação (12 meses)
Número de Agências	19.291	-414
Ativos Totais	5,8 trilhões	9,1%
Patrimônio Líquido	412,6 bilhões	4,6%
Operações de Crédito	2,8 trilhões	-1,0%
Receita com as Operações de Crédito	178,4 bilhões	-3,9%
Resultado com TVM	107,2 bilhões	0,9%
Despesas com Captação no Mercado	182,9 bilhões	14,2%
Resultado com Empréstimos e Repasses	23,1 bilhões	-
Despesas com Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa	53,0 bilhões	21,0%
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	97,2 bilhões	38,5%
Receita de Prestação de Serviços e Tarifas	55,0 bilhões	8,7%
Despesas de Pessoal + PLR	43,0 bilhões	6,6%
Resultado Operacional	54,8 bilhões	65,4%
Imposto de Renda e CSLL	-22,8 bilhões	-
Lucro Líquido Total	29,7 bilhões	-18,2%
Número de Trabalhadores	425.816	-13.606

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Itaú Unibanco e Bradesco apresentaram os maiores crescimentos em seus ativos, com alta de 13,4% e 9,9%, respectivamente. Os ativos do Banco do Brasil, por sua vez, tiveram o menor crescimento (5,4%).

O saldo das carteiras de crédito dos cinco maiores bancos caiu, em média, 1,0% no período, em termos nominais, e chegou a R\$ 2,8 trilhões. Ainda que num ritmo bem mais

¹ Para o presente estudo, foi utilizado o balanço gerencial do banco Santander.

moderado que o observado em anos anteriores, a Caixa foi a única instituição com expansão positiva (6,7%) em sua carteira. Entre os demais, a queda no volume das operações de crédito variou entre 1,2%, no Banco do Brasil e 5,8% no Banco Itaú. Esse resultado está relacionado aos impactos da forte retração da atividade econômica sobre o nível dos investimentos, do emprego e da renda que vem sendo observada desde o início de 2015.

Os grandes bancos, nos últimos meses, direcionaram o crescimento de suas carteiras para linhas com menor risco, como crédito imobiliário, consignado e empréstimos a grandes empresas, modalidades que têm taxas de juros mais baixas e menor risco de inadimplência. Ainda assim, com exceção do Santander, houve pequena elevação nos índices de inadimplência em todos os bancos (para atrasos superiores a 90 dias). A maior elevação ocorreu no Banco do Brasil, cuja inadimplência cresceu 1,4 p.p., ficando em 3,3%. Entretanto, o índice ainda ficou abaixo da média do sistema financeiro.

Apesar da pequena elevação dos índices de inadimplência, os grandes bancos mantiveram uma estratégia bastante conservadora em relação ao provisionamento de suas carteiras, principalmente em virtude dos pedidos de recuperação judicial de grandes empresas do setor de óleo e gás e de telecomunicações. A despesa com Provisões para Devedores Duvidosos – PDD – cresceu, em média, 17,8% em 12 meses. O maior crescimento das provisões foi observado no Bradesco (32%5) e o menor na Caixa (5,1%).

Lucros e rentabilidade

No primeiro semestre de 2016, o lucro líquido dos cinco maiores bancos somou R\$ 29,7 bilhões. Apesar de muito expressivo, esse montante foi 18,2% menor que o registrado no mesmo período do ano anterior (Gráfico 1).

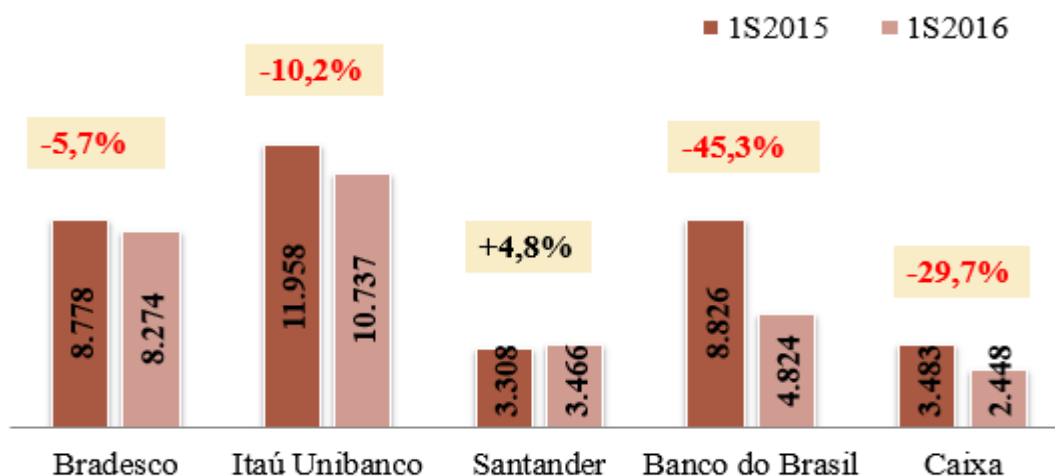
Isso ocorreu devido ao forte provisionamento e à utilização de créditos tributários em volumes bem menores que a verificada em 2015.

Os créditos tributários dos bancos funcionam como uma devolução de impostos e transformam uma despesa com tributos numa receita. São vários os fatos geradores de créditos tributários para os bancos, entre eles, as provisões para devedores duvidosos. Essas provisões consistem em reservas para **possíveis** perdas com inadimplência e

representam uma despesa nos balanços dos bancos. A Receita Federal, no entanto, não permite que estas provisões sejam descontadas da base tributável dos bancos até que a perda se concretize, de fato. Assim, em determinado ano fiscal, os bancos pagam impostos sobre o lucro sem descontar as provisões. No ano seguinte, caso as perdas com inadimplência se confirmem, são gerados créditos tributários que nada mais são do que o direito a uma devolução de impostos pagos. Esse expediente foi amplamente utilizado em 2015, mas não em 2016.

Houve, também, outros fatos geradores de crédito tributário em 2015, entre eles, a elevação de 15% para 20% da alíquota da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) e a desvalorização cambial das operações com derivativos e investimentos no exterior².

GRÁFICO 1
Lucro Líquido dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016 (em R\$ milhões)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Como vem ocorrendo nos últimos anos, o maior lucro líquido foi do Itaú Unibanco, num montante de R\$ 10,7 bilhões. Esse resultado representou uma redução de 10,2% em relação ao 1º semestre de 2015. Em segundo lugar está o Bradesco, com lucro líquido de R\$ 8,3 bilhões no semestre, valor este 5,7% menor que o verificado no primeiro semestre

² Ver Desempenho dos Bancos 2015
(<http://www.dieese.org.br/desempenhodosbancos/2015/desempenhoBancos2015.pdf>).

de 2015.

O Banco do Brasil, por sua vez, apresentou queda de 45,3% no lucro líquido no primeiro semestre de 2016. Entretanto, tal fato deve ser relativizado, pois no primeiro semestre de 2015, o lucro foi bastante influenciado pelo efeito extraordinário do acordo de associação entre o BB Elo Cartões e a Cielo no segmento de meios de pagamentos eletrônicos.

Na Caixa, o lucro líquido atingiu R\$ 2,4 bilhões, com queda de 29,7% em relação ao mesmo período de 2015. Por fim, o Santander, com crescimento do lucro de 4,8%, foi o único com variação positiva em relação a junho de 2015. O lucro líquido do banco totalizou R\$ 3,5 bilhões.

A rentabilidade também apresentou queda, em função dos resultados menores e mais uma vez o Santander foi exceção e manteve inalterado o retorno sobre o patrimônio líquido médio. Apesar da queda, a rentabilidade dos grandes bancos brasileiros segue elevada em relação a dos seus congêneres estrangeiros, variando entre 9,8% e 20,1% (vide Tabela 2). Tal desempenho mantém o setor financeiro entre os mais rentáveis da economia nacional.

TABELA 2
Rentabilidade sobre o Patrimônio Líquido dos cinco maiores bancos
Brasil –1º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016 (em %)

Bancos	Junho		Variação (em p.p.)
	2015	2016	
Bradesco	20,8%	17,4%	-3,4
Itaú Unibanco	24,7%	20,1%	-4,6
Santander	12,8%	12,8%	-
Banco do Brasil	20,9%	10,4%	-10,5
Caixa Econômica Federal	12,5%	9,8%	-2,7

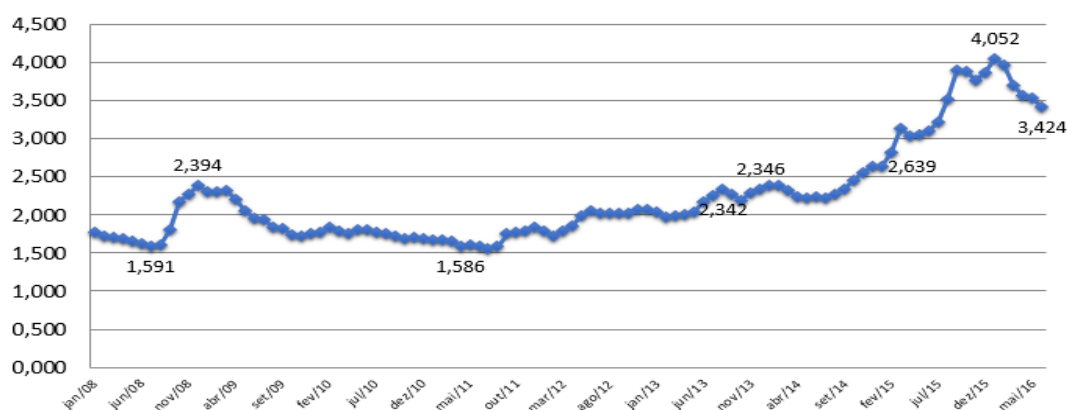
Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

O câmbio teve forte influência nos resultados do período

Os resultados do 1º semestre de 2016 foram fortemente impactados pelas variações cambiais ocorridas no período. O real apresentou forte desvalorização no decorrer de

2015, mas passou a se valorizar no início de 2016 (vide Gráfico 2). As contas mais afetadas pela variação cambial foram as receitas de câmbio, as despesas com empréstimos e repasses e o resultado com derivativos.

GRÁFICO 2
Evolução da taxa de câmbio – janeiro de 2008 a junho de 2016 (em %)



Fonte: Banco Central do Brasil

Em decorrência da volatilidade cambial, a conta “Despesas com Empréstimos e Repasses” teve forte elevação em 2015. Contudo, no primeiro semestre de 2016, com a revalorização do Real, essas despesas tornaram-se receitas e tiveram impacto positivo nos balanços dos bancos, com exceção da Caixa. Os dados da Tabela 3 ilustram essa situação.

TABELA 3
Resultado com empréstimos e repasses dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016 (em R\$ milhões)

Bancos	Junho		Variação (absoluta)
	2015	2016	
Bradesco	-5.686	5.323	11.009
Itaú Unibanco	-11.058	7.493	18.551
Santander	-3.331	6.071	9.402
Banco do Brasil	-12.693	10.598	23.291
Caixa Econômica Federal	-7.734	-6.423	1.311
Total	-40.502	23.061	63.563

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

As variações em contas atreladas ao câmbio contribuíram para que o resultado bruto da intermediação financeira nos cinco maiores bancos subisse, em média 38,5%, passando de R\$ 70,1 bilhões, em junho de 2015, para R\$ 97,2 bilhões, em junho de 2016, conforme (Tabela 4).

TABELA 4
Resultado Bruto da Intermediação Financeira dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016 (em R\$ milhões)

Bancos	Junho		Variação (%)
	2015	2016	
Bradesco	18.096	31.384	73,4%
Itaú Unibanco	18.365	28.831	57,0%
Santander	10.170	10.468	2,9%
Banco do Brasil	12.904	15.512	20,2%
Caixa Econômica Federal	10.613	10.963	3,3%
Total	70.147	97.158	38,5%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

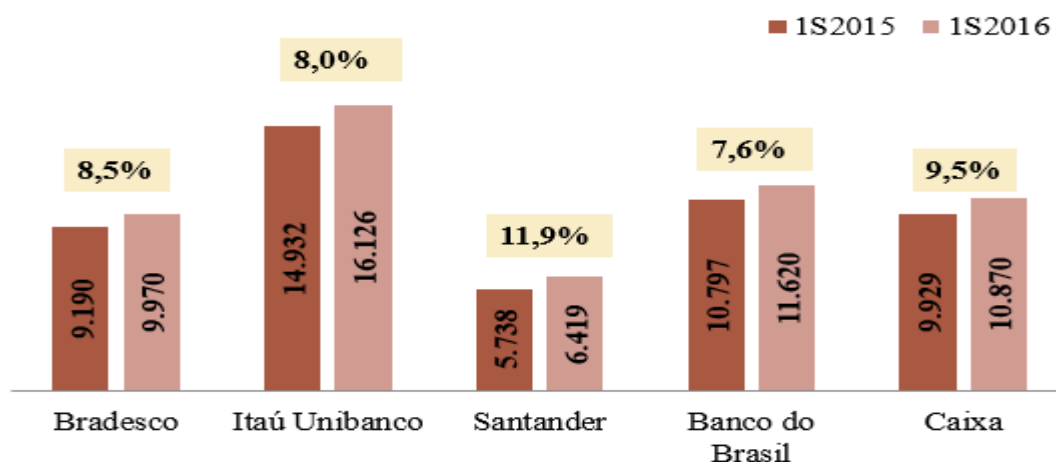
Vale ressaltar que no caso do Bradesco e do Itaú Unibanco, os bons resultados da intermediação financeira foram bastante influenciados pelo resultado de seguros, previdência e capitalização.

Prestação de serviços e tarifas X despesas de pessoal

Apesar de ser uma fonte secundária de receitas, as tarifas representam parcela importante da receita total dos bancos. Em média, no período analisado, as receitas com prestação de serviços e tarifas bancárias aumentaram 8,7%, somando R\$ 55,0 bilhões.

Santander e Caixa tiveram as maiores variações nesse item (11,9% e 9,5%, respectivamente). No Banco do Brasil, essas receitas tiveram a menor variação, com crescimento de 7,6%.

GRÁFICO 3
Receita de Prestação de Serviços mais Renda de Tarifas dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016 (em R\$ milhões)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

O montante de tais receitas pode ser melhor compreendido quando comparado ao total de despesas de pessoal dos bancos. Somente a arrecadação com prestação de serviços e tarifas bancárias cobriu entre 104% (Caixa) e 163% (Itaú Unibanco) das despesas de pessoal nas maiores instituições financeiras, conforme mostra a Tabela 5.

Vale destacar que as despesas de pessoal compreendem os gastos com folha de pagamento (remuneração, PLR, encargos sociais e benefícios), além das despesas com treinamento e processos trabalhistas.

TABELA 5
Relação entre as Receitas com Prestação de
Serviços e Tarifas e as Despesas de Pessoal
Brasil – 1º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016 (em %)

Bancos	Junho		Variação (em p.p.)
	2015	2016	
Bradesco	135,97%	136,73%	0,76
Itaú Unibanco	171,59%	163,31%	-8,28
Santander	150,09%	152,31%	2,22
Banco do Brasil	98,45%	104,33%	5,88
Caixa Econômica Federal	98,70%	104,03%	5,33

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Os impostos afetaram negativamente o resultado do período

Um item que se destacou nos balanços do 1º semestre de 2016 foram os impostos, entre eles o Imposto de Renda (IR) e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL).

O resultado operacional e o resultado da intermediação financeira apresentaram desempenho expressivo no semestre em todos os bancos, com exceção da Caixa (que teve desempenho negativo), com crescimento de 65,4% em relação ao mesmo período de 2015 (vide a Tabela 6).

TABELA 6
Resultado Operacional dos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016 (em R\$ milhões)

Bancos	Junho		Variação (em %)
	2015	2016	
Bradesco	9.046	19.922	120,2
Itaú Unibanco	12.590	21.348	69,6
Santander	3.960	4.031	123,8
Banco do Brasil	6.077	8.674	42,7
Caixa Econômica Federal	1.436	775,1	-46,0
Total	33.110	54.750	65,4%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

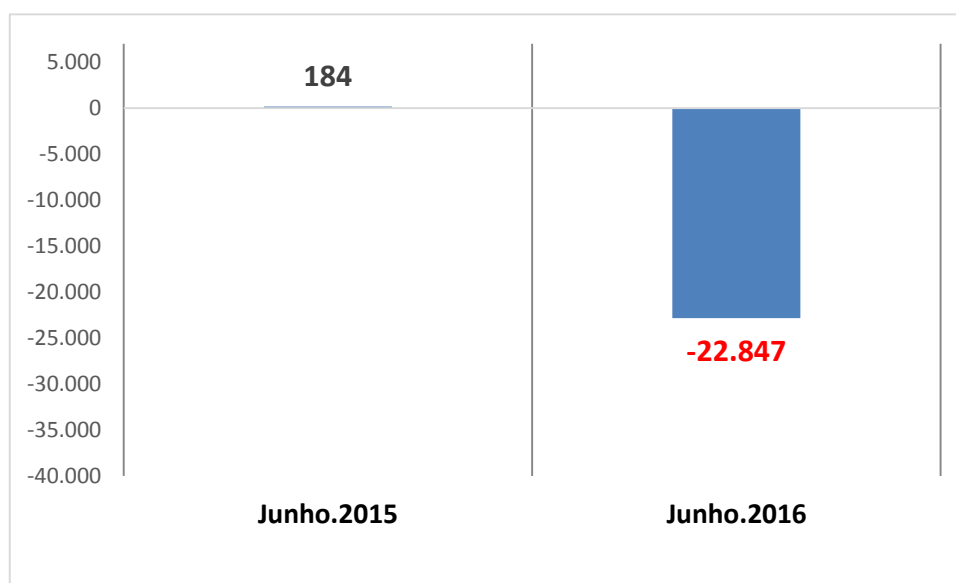
Observa-se, no período, que o resultado operacional mais que dobrou no Bradesco (120,2%) e no Santander (123,8%) e cresceu quase 70% no Itaú Unibanco. O Banco do Brasil teve crescimento de 42,7% no resultado operacional e a Caixa, apresentou queda de 46%. No entanto, depois dos impostos, o lucro líquido desses bancos caiu 18,2%.

Em 2015, a aprovação da Medida Provisória 675, convertida na Lei 13.169/15, elevou a alíquota da CSLL cobrada das instituições financeiras de 15% para 20%. A lei passou a valer em 1º de setembro de 2015 e deve vigorar até 31 de dezembro de 2018. Apesar desse aumento, os bancos resgataram, na época, um montante significativo em créditos tributários³, o que elevou seus lucros em 2015. Contudo, no primeiro semestre de 2016, isso não se repetiu, gerando queda no resultado final.

³ O resgate de tais créditos foi feito de acordo com a Lei 12.838/2013.

O Gráfico 4 mostra o resultado com impostos dos grandes bancos. Nota-se que, de um crédito tributário de R\$ 184 milhões no 1º semestre de 2015, os bancos incorreram numa despesa de R\$ 22,8 bilhões no 1º semestre deste ano.

GRÁFICO 4
Resultado com impostos nos cinco maiores bancos
Brasil – 1º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016 (em R\$ milhões)



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

Bancos fecham agências e intensificam corte de postos de trabalho

Entre junho de 2015 e junho de 2016, Itaú, Bradesco e Banco do Brasil, juntos, fecharam 422 agências bancárias (161,145 e 116, respectivamente), encerrando o período com um total de 19.291 unidades. Apenas Santander e Caixa abriram novas agências, porém, em número pequeno (quatro em cada um). O número de trabalhadores desses bancos segue em queda desde 2012, e entre junho de 2015 e junho de 2016, o total de empregados nas cinco instituições passou de 439.422 para 425.216, com extinção de 13.606 postos de trabalho.

TABELA 7
Número de empregados nos cinco maiores bancos
Brasil –1º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016

Bancos	Junho		Variação	
	2015	2016	%	Nominal
Bradesco	93.092	89.424	-4,8%	-4.478
Itaú Unibanco	85.028	85.028	-3,3%	-2.815
Santander	50.245	48.877	-2,7%	-1.368
Banco do Brasil	112.325	109.615	-2,4%	-2.710
Caixa Econômica Federal	97.922	95.687	-2,3%	-2.235
Total	439.422	425.816	-3,1%	-13.606

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos
 Elaboração: DIEESE - Rede Bancários

O Bradesco foi o banco que fechou mais postos de trabalho. Foram eliminados 4.478 postos, que representam 4,8% do quadro funcional em junho de 2015.

O Itaú Unibanco, que vem diminuindo seu quadro de funcionários desde março de 2011, eliminou 2.815 postos de trabalho no período. Já o Santander, que no ano anterior aumentou o total de trabalhadores, fechou 1.368 postos no 1º semestre, sendo 1.268, apenas entre março e junho de 2016.

A Caixa fechou 2.235 postos, revertendo uma tendência verificada desde 2004. No Banco do Brasil foram eliminados 2.710 postos de trabalho. Nos dois bancos federais a redução de postos de trabalhos decorreu da implementação, em 2015, de planos de aposentadoria incentivada.

Considerações finais

Como ocorreu em outros períodos, os grandes bancos brasileiros tiveram desempenho expressivo num momento de grave crise econômica, quando a maioria dos setores e empresas apresentam sérias dificuldades, ainda que os lucros tenham sofrido redução na comparação entre os primeiros semestres de 2015 e 2016.

Essa característica peculiar do setor bancário se relaciona, de acordo com PAULA (2016)⁴ à sua natureza pró-cíclica. Nos momentos de bonança, os bancos atuam para prover o crédito necessário à expansão dos gastos das famílias e dos investimentos das empresas e com isso auferem lucros. Nos momentos de desaceleração, os bancos retraem fortemente a oferta de crédito, mas compensam as perdas no volume concedido com o encarecimento do crédito (maiores juros e *spreads*) e direcionamento dos ativos para aplicações mais líquidas e de prazos mais curtos. Entre elas, as aplicações em títulos da dívida pública, de preferência prefixados e indexados à Selic. Com isso, de acordo com PAULA (2016), os bancos brasileiros conseguem, mesmo nos momentos de crise, manter rentabilidade e liquidez, mesmo com lucros um pouco menores em virtude da retração no crédito, do aumento da inadimplência e das provisões e de outros fatores conjunturais.

Ainda de acordo com o autor, se por um lado esse tipo de ajuste impede a fragilização financeira dos bancos brasileiros em momentos de crise - tal como ocorreu na Europa e nos EUA após 2008 -, por outro lado, a “socialização das perdas” é feita pelo Tesouro Nacional, “que faz uma enorme transferência de recursos para esse setor via dívida pública” (PAULA, op. cit.).

Mesmo que a receita média com Títulos e Valores Mobiliários (TVM) tenha se mantido praticamente estável na comparação semestral, em virtude da estabilização da taxa Selic, os grandes bancos utilizaram esse tipo de aplicação para proteger seus lucros. Além disso, especificamente no 1º semestre de 2016, a revalorização do real frente ao dólar norte americano contribuiu decisivamente para manter os elevados patamares de

⁴ - PAULA, Luis F. de. “O ajuste dos bancos no contexto da crise”. Jornal Valor Econômico, 14/03/2016.

lucros dos grandes bancos. Por fim, a elevação das receitas com tarifas também contribuiu de forma importante para a manutenção dos lucros.

Outra forma de ajuste utilizada pelos bancos para se adequarem a cenários de crise é o corte de postos de trabalho, que se acelerou visivelmente no primeiro semestre de 2016, conforme revelam os balanços do período. Ademais, está em curso uma nova onda de inovações tecnológicas no sistema financeiro, baseada no estímulo ao uso intensivo do atendimento remoto via aplicativos de *smartphones*. Como ocorreu no passado recente, as novas tecnologias de atendimento bancário são fortemente poupadoras de mão de obra e poderão ensejar uma expressiva redução no emprego bancário, nos próximos anos.



Rua Aurora, 957
CEP 01209-001, São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Direção Executiva

Presidente: Zenaide Honório

APEOESP Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – SP

Vice-Presidente: Luis Carlos de Oliveira Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região - SP

Secretário Executivo: Josinaldo José de Barros Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretor Executivo: Alceu Luiz dos Santos - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo: Alex Sandro Ferreira da Silva - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Bernardino Jesus de Brito - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP

Diretor Executivo: Carlos Donizeti França de Oliveira - Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo - SP

Diretor Executivo: Cibele Granito Santana - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas - SP

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes - Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul - RS

Diretora Executiva: Maria das Graças de Oliveira Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco - PE

Diretor Executivo: Nelsi Rodrigues da Silva - Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa Sindicato dos Eletricistas da Bahia - BA

Diretora Executiva: Raquel Kacelnikas - Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Direção técnica

Diretor técnico: Clemente Ganz Lúcio

Coordenadora de pesquisas e tecnologia: Patrícia Pelatieri

Coordenador de educação e comunicação: Fausto Augusto Júnior

Coordenador de relações sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira

Coordenadora de estudos em políticas públicas: Angela Maria Schwengber

Coordenadora administrativa e financeira: Rosana de Freitas

Rede Bancários

Catia Uehara

Felipe Miranda

Fernando Benfica

Gustavo Cavarzan

Iara Welle

Pedro Tupinambá

Regina Camargos

Valmir Gongora

Vivian Machado

Iara Heger (revisão de texto)